

(Des)encobrendo a branquitude: um olhar profundo sobre a percepção racial de professoras autodeclaradas brancas

Cláudia Vieira Silva Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: klaudia.educ@gmail.com

Maria de Fátima de Andrade Ferreira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: mfatimauesb@hotmail.com

37

Palavras-chave: Branquitude. Relações étnico-raciais. Preconceito racial

INTRODUÇÃO

Este resumo apresenta um recorte do conhecimento produzido pela pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/UESB), que analisou a “*Branquitude e seus privilégios: estudo descritivo com professoras autodeclaradas brancas*”, numa escola da Rede Municipal de Ensino de Maracás, BA, e que teve como objetivo investigar de que modo as professoras interlocutoras da pesquisa dizem/falam/pensam sobre as relações étnico-raciais. Neste recorte mostramos resultados da análise de dados sobre a “Percepção de professoras autodeclaradas brancas diante de seus alunos na escola”.

Dada a constante relevância das questões acerca da branquitude, a compreensão reflexiva das dinâmicas associadas à identidade branca torna-se uma necessidade urgente, promovendo uma abordagem mais abrangente e esclarecedora sobre as complexas interações raciais na contemporaneidade. Nesse sentido, essa abordagem visa não apenas a análise crítica das percepções individuais e coletivas da branquitude, mas também, à promoção de uma discussão informada e sensível sobre como essas percepções impactam as estruturas sociais e contribuem para a construção de uma sociedade mais equitativa.

Nos estudos acadêmicos, muitas vezes, o branco permanece como uma presença silenciosa e pouco questionada, conforme elucidado por Cardoso (2014) em sua obra “*O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre o pesquisador branco que possui o negro como objeto científico tradicional*”, para o autor o branco por muito tempo ficou

Realização:



Apoio:



invisibilizado, intocável, não problematizado, apesar que ao longo dos anos, houve um notável o esforço de diversos autores em buscar evidenciar em seus escritos o incômodo do que é ser negro e o que é ser branco em uma sociedade profundamente marcada pelo legado escravocrata, “[...] os estudos silenciam sobre o branco e não abordam a herança branca da escravidão, nem tampouco a interferência da branquitude como guardião de privilégios” (Bento, 2014, p. 41). Nessa mesma vertente, Pinheiro (2014) justifica a importância de combater a ideologia da superioridade branca, e, como forma de apontar a evidência de que os privilégios existem e são historicamente.

Diante do exposto, as reflexões acerca do tema, aqui apresentada, derivam de contribuições significativas de autores como Frantz Fanon (2008), Maria Aparecida Bento (2014), Lourenço Cardoso (2014), Lia Vainer Schucman (2012), dentre outros referenciais. Estes estudiosos desempenharam papéis fundamentais no avanço dos estudos sobre as relações étnico-raciais, fornecendo visões valiosas e análises detalhadas sobre como essa temática funciona e se desenvolve.

METODOLOGIA

Ao considerar a pesquisa como uma atividade que parte das inquietações do pesquisador, como lembra Minayo (2007, p.16), “nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática”. A partir dessa compreensão foi possível entender que era necessário delimitar caminhos que possibilitassem investigar, observar acontecimentos/fenômenos, com profundidade e compreender que a metodologia deve ser delineada de forma organizada e criteriosa, como se fosse a parte central/essencial/coração da pesquisa, não podendo ser realizada de forma arbitrária.

Portando foi adotada uma abordagem qualitativa de perspectiva descritiva interpretativa, utilizando questionário aberto/fechado, observações *in loco* e entrevistas semiestruturadas como princípios orientadores para a coleta de dados. Além desses instrumentos, foi também empregada a análise documental de Leis como a n. 10.639/03, que estabelece o ensino e a inclusão da História e Cultura da África e Afrobrasileira nos currículos escolares, Projetos Escolares e o Projeto Político Pedagógico. Esses elementos forneceram uma visão abrangente e detalhada das práticas e percepções dos professores em relação às Relações Étnico-Raciais no contexto escolar, contribuindo para uma análise rica e contextualizada do objeto investigado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados aqui apresentados mostram o que dizem/falam/pensam as professoras autodeclaradas brancas sobre a branquitude e que analisou a percepção de professoras autodeclaradas brancas diante de seus alunos na escola.

Quando foram perguntadas sobre a sua percepção, como professoras autodeclaradas brancas, associada à sua branquitude, é possível observar as dificuldades das interlocutoras de falar sobre o tema e, assim, podemos transpor trechos da fala de uma das interlocutoras que responde: “as pessoas sofrem mais por conta da classe social”, “sofri muito preconceito racial quando eu era pequena”, “o problema é que quando o branco sofre preconceito racial as pessoas dizem que é *bullying*, mas quando o negro sofre é preconceito racial”, “somos todos iguais”, “a cor da pele não quer dizer nada”, “não sou racista”. Essas falas foram determinantes para a análise dos dados da pesquisa. Como foi possível perceber, existe no discurso uma válvula de escape, quando o assunto é raça e, percebemos que a classe social e o “racismo reverso” são colocados em pauta, por duas interlocutoras da pesquisa. No entanto, Almeida (2021, p. 53), em suas produções sobre o tema em questão, intervém dizendo que “membros de grupos raciais minoritários podem até ser preconceituosos ou praticar discriminação, mas não podem impor desvantagens sociais a membros de outros grupos majoritários”.

Nesses discursos devemos considerar que as professoras não se consideram racistas, apesar de reconhecerem que o racismo é um problema de nível estrutural, o que nos leva a concluir que o racismo “embora negado no discurso, é confirmado cotidianamente, na prática em nossas escolas” (Foster, 2015, p. 24), ou ainda, o racismo “é negado de forma veemente, mas mantêm-se presente no sistema de valores que regem o comportamento da sociedade (Gomes, 2001, p. 92).

Porém, as observações feitas em sala de aula denunciaram marcas de um racismo e, por tudo que observamos e auscultamos, podemos dizer que o racismo na escola se apresenta como racismo “velado”, através atividades, discursos e, em especial, observamos um cartaz que retratava um anjo branco, loiro e de cabelos lisos que, tomando as lições de Fanon (2008), podemos dizer que escola tem reforçado estereótipos de beleza, e, como define o autor (2008): “a beleza e a virtude, que nunca foram negras”. Mesmo que as interlocutoras, não tenham feito associação do branco/negro intencionalmente, é claro que as afirmações de estereótipos prejudicam a desconstrução de discurso racistas

dentro da escola. Para buscar a transformação das relações sociais é preciso buscar mudanças na aplicação dos termos, decolonizar o pensamento, as formas de linguagens.

Isso destaca a necessidade de promover um ambiente reflexivo e de diálogo sobre essas questões e implementar estratégias pedagógicas e de formação continuada de professores/as sobre relações étnico-raciais, para ajudar as professoras brancas a se envolverem mais efetivamente na promoção da igualdade racial.

CONCLUSÕES

Ao examinar os discursos das professoras autodeclaradas brancas sobre a branquitude, algo surpreendente se destacou: as próprias professoras, apesar de contribuírem involuntariamente para discursos preconceituosos, muitas vezes não reconheciam tais aspectos em suas falas. Esse paradoxo torna-se ainda mais complexo ao perceber que as professoras agem com naturalidade diante do tema do preconceito racial, mostrando uma falta de consciência sobre a presença desses elementos em suas palavras. Essa incongruência entre a percepção externa dos discursos e a autopercepção das professoras levanta questões importantes sobre a necessidade de reflexão e sensibilização no ambiente educacional.

É crucial ressaltar que o objetivo desta pesquisa não é apontar dedos ou julgar as intenções das professoras, mas sim, destacar a importância da autorreflexão e do diálogo aberto sobre questões relacionadas ao preconceito racial. Portanto, é fundamental que os professores estejam dispostos a questionar suas próprias crenças e atitudes, tendo em vista que a falta de consciência sobre os próprios preconceitos pode perpetuar desigualdades raciais, mesmo em ambientes que deveriam ser espaços de inclusão e igualdade.

Questionar a branquitude é essencial para promover uma sociedade mais justa e equitativa, pois reconhecer a branquitude como uma posição de privilégio é fundamental para enfrentar o racismo. Pessoas brancas devem se conscientizar de sua própria racialização e papel nas dinâmicas sociais e raciais para promover mudanças efetivas e influenciar as instituições às quais pertencem.

Realização:



Apoio:



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é Racismo Estrutural?** São Paulo: Jandaíra, 2021.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray e BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.). **Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre a branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2014.

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2014.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 141-160.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOSTER, Eugénia da Luz Silva. **Garimpendo pistas para desmontar racismos e potencializar Movimentos Instituintes na Escola**. Curitiba: Appris, 2015.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In CAVALLEIRO, E. (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 83-96.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PINHEIRO, Adevanir. **O espelho quebrado da branquitude: aspectos de um debate intelectual, acadêmico e militante**. São Leopoldo, Casa Leiria, 2014.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco”, e o “branquíssimo”:** raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (Doutorado em Psicologia). São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2012.